

SUCESSÃO

# Planalto empurra Dilma para ativar campanha e driblar crise

Ministra deve intensificar articulações e ficar longe da polêmica do plano de direitos humanos

Ana Paula Scinocca  
Clarissa Oliveira

Sob fogo cerrado da oposição por causa da polêmica em torno do Programa Nacional de Direitos Humanos, o Palácio do Planalto e o alto comando petista definiram que a melhor forma de tirar a chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, da linha de tiro é incentivá-la a mergulhar nos preparativos de sua campanha presidencial. Na primeira reunião do ano com o núcleo encarregado da estratégia da campanha, Dilma acertou que vai se concentrar em retomar o quan-

to antes a agenda de viagens e intensificar as negociações com potenciais aliados.

Na reunião, que começou na noite de terça-feira e só terminou no início da madrugada de ontem, o presidente eleito do PT, José Eduardo Dutra, o chefe de gabinete da Presidência, Gilberto Carvalho, o deputado Antonio Palocci (SP) e o ex-prefeito de Belo Horizonte Fernando Pimentel acertaram com Dilma que o melhor é esperar a crise sobre direitos humanos esfriar. A conclusão do grupo foi a de que a polêmica tem “prazo de validade” e perderá rapida-

mente força agora que as divergências entre os ministros da Defesa, Nelson Jobim, e Direitos Humanos, Paulo Vannuchi, estão sob mediação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Longe das discussões, Dilma manterá entre suas prioridades o plano de reforçar a presença em São Paulo, terra do governador tucano José Serra, com quem deve disputar a Presidência em outubro. Salvo algum imprevisto, ela deve desembarcar neste fim de semana no ABC paulista, em uma agenda institucional para visitar obras do governo federal. Tradicional

palco de derrotas eleitorais para o PT, o Estado está sob domínio do PSDB desde 1996.

A orientação tirada pelo núcleo da campanha é dar atenção imediata também a outros Estados onde o PT custa para amarrar palanques para a eleição. Debruçado sobre um mapa da articulação regional, o time de Dilma pediu um esforço em casos como o de Minas Gerais. Lá, o PT tem dois nomes para a disputa ao governo estadual – Pimentel e o ministro do Desenvolvimento Social, Patrus Ananias –, sem contar o interesse do ministro das Comunicações, Hélio

FRASE

**Cândido Vaccarezza (SP)**  
**Líder do PT na Câmara**

“Não adianta tentarem colar este assunto na ministra Dilma. Nós defendemos os direitos humanos. Agora, há setores da oposição que, pelo visto, não são muito favoráveis aos direitos humanos”

Costa (PMDB).

Além de intensificar a agenda, o grupo também se decidiu pelo reforço na negociação com o PMDB e pela ofensiva na apro-

ximação com outros partidos.

Ainda assim, as discussões sobre o Programa Nacional de Direitos Humanos tomaram boa parte da reunião. A intenção, apressou-se em explicar a própria Dilma, é não fugir do assunto, mas evitar colocar mais lenha na fogueira. Se não conseguir escapar de abordagens para que comente o assunto, ela planeja dizer apenas que sua posição é a posição do governo.

Dilma deve passar longe de discussões específicas sobre o texto, como a descriminalização do aborto ou a inclusão da esquerda armada nas investigações sobre a ditadura militar, até para evitar arranhões na imagem logo na abertura do ano eleitoral. E, se necessário, ficará a cargo de líderes petistas devolver ataques da oposição. “Não adianta tentarem colar este assunto na ministra Dilma. Nós defendemos os direitos humanos. Agora, há setores da oposição que, pelo visto, não são muito favoráveis aos direitos humanos”, ironizou o líder do PT na Câmara, Cândido Vaccarezza (SP), dando o tom. ●



Edifício Landmark Nações Unidas - foto by Bob Wolfenson

## Mercadante ganha força para disputar governo

PT volta a citar nome do senador à sucessão de Serra, mas vaivém de Lula confunde partido

Vera Rosa  
BRASÍLIA

A demora na definição de um candidato que ajude a impulsionar a campanha presidencial da ministra Dilma Rousseff (Casa Civil) em São Paulo já preocupa o PT. Depois do pito do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que às vésperas do Natal acusou o partido de cometer “grave erro” ao não repetir nomes para o governo paulista, os petistas entraram em polvorosa. A partir daí, cresceu o movimento pela candidatura do líder do PT no Senado, Aloizio Mercadante, à sucessão do governador José Serra (PSDB).

“Até hoje, a ausência de uma liderança deixou de potencializar as ações em prol do palanque da Dilma em São Paulo. A partir de agora, porém, essa lacuna já começa a atrapalhar”, afirmou o presidente do PT paulista, Edinho Silva. Não é só: ele vai propor que uma comissão

formada por integrantes dos partidos aliados converse até o início de fevereiro com Ciro Gomes (PSB-CE) para saber se o deputado será ou não candidato ao Palácio dos Bandeirantes.

Embora Mercadante já esteja em campanha por um segundo mandato no Senado, o dirigente do PT acredita que ele pode mudar de posição a pedido de Lula. Mesmo se referindo ao ex-ministro Antonio Palocci, hoje deputado, e ao prefeito de Osasco, Emídio de Souza, como “bons candidatos”, Silva fez questão de sublinhar os pontos favoráveis do senador: “Mercadante é o nome mais construído no PT.”

ALOPRADOS

O senador disputou o governo de São Paulo contra o então prefeito Serra, em 2006, e não quer nem ouvir falar na corrida ao Bandeirantes. “Sou candidato à reeleição”, insiste.

Há três anos, a campanha do PT foi abalada pela descoberta



EM CAMPANHA – ‘Sou candidato à reeleição’, insiste o senador

de um dossiê contra tucanos, montado por petistas, que Lula chamou de “aloprados”. O inquérito chegou ao Supremo Tribunal Federal (STF), mas Mercadante foi excluído do rol de

indiciados por falta de provas.

No Palácio do Planalto, auxiliares do presidente avaliam agora que a pressão pró-Mercadante tenha por trás o objetivo de queimá-lo para dar a vaga ao

Senado à ex-prefeita Marta Suplicy. Lembram até mesmo que ele colecionou desafetos ao ameaçar renunciar à liderança do PT, em meio à crise que quase derrubou o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AC), no ano passado.

BOMBA ATÔMICA

“Só com a bomba atômica o PT pode vencer a eleição em São Paulo”, comentou um assessor de Lula. A “bomba atômica”, no caso, é Ciro Gomes.

Em conversas reservadas, ministros e dirigentes do PT admitem ser muito difícil derrotar o PSDB no maior colégio eleitoral do País, mesmo sem saber se o candidato será o secretário Geraldo Alckmin (Desenvolvimento) ou o chefe da Casa Civil de Serra, Aloysio Nunes Ferreira.

Apesar de ter transferido o domicílio eleitoral para São Paulo, Ciro repete como man- tra que ou concorrerá à Presi-

dência ou não disputará nada. Lula gostaria que seu ex-ministro da Integração fosse candidato a cadeira de Serra, com o apoio do PT. “Tenho muito apreço pelo Ciro”, comentou. “É como se ele fosse meu irmão, um companheiro de primeira hora, de uma lealdade extraordinária.”

Na prática, o presidente quer tirá-lo do caminho de Dilma ao Planalto, sob o argumento de que a base aliada deve se unir em torno de um único postulante contra Serra. Lula já percebeu, porém, que a resistência de Ciro ao projeto paulista é cada vez maior. É nesse cenário que ele defende um nome “testado” pelo PT em São Paulo.

O vaivém de Lula confunde os petistas. Há pouco tempo, seu preferido era Palocci, correpór fora o ministro da Educação, Fernando Haddad. “Se levarmos em conta a sugestão do presidente de repetir candidaturas, lembro que estou à disposição e não veria problema em disputar uma prévia com Ciro Gomes, chamando filiados do PT, do PSB e demais interessados a participar”, disse o senador Eduardo Suplicy (SP). Nem no PT nem no governo, porém, alguém lhe dá ouvidos. ●

DIDA SAMPAIO/AE-3/9/2009